

*Aquiles Ernesto Martínez**

Cristo vive em mim: Ontologia Pascal (Gl 2,19-21)

Christ lives in mi: Pascal Ontology of Gal 2,19-21

Resumo

Nesse texto, o apóstolo Paulo, consciente de algumas experiências prévias que marcaram a missão religiosa, diz algo sobre a maneira como ele se autocompreende, enfatizando crenças, valores, metas e revelando o que parece ser a essência da identidade social. Relendo o núcleo do evangelho, Paulo lembra que a morte e a ressurreição de Jesus - o Cristo - constituem o fundamento, a motivação, o eixo principal e a meta da vida terrena. Paulo vive em, com, por causa de e para Cristo. Mais do que um exercício hermenêutico e epistemológico, as palavras de Paulo são, a partir de nosso lugar social séculos depois, uma confissão pascal, cuja lógica da fé assume o controle e determina a identidade, a mística e a vocação de Paulo em Cristo.

Abstract

In this passage, the Apostle Paul, aware of some previous experiences that marked his religious journey, tells us something about the way he sees himself, putting emphasis in some of his beliefs, values, and goals; that is, they reveal what appears to be the core of his social identity. Reinterpreting the marrow of the Gospel, Paul reminds us that the death and the resurrection of Jesus, the Christ, constitute the foundation, motivation, axle, and the goal of his earthly life. Paul lives in, because of, with, and for Christ. More than a hermeneutical exercise from his own epistemological place, his brief words in this passage are, from our social location, centuries later, an Easter confession, according to which the living Christ, following the logic of faith, takes control of, and determines Paul's identity, mystique, and vocation.

* Dr. Aquiles Ernesto Martínez é venezuelano, Professor de Religião e Bíblia, Coordenador do Programa de Religião da Reinhardt University, Wakeska, Georgia, E.U.A., e Presbítero Ordenado na Igreja Metodista Unida aem@reinhardt.edu. Artigo traduzido por Carlos Mario Vásquez Gutiérrez.

Introdução

A “identidade”, pessoal e social, é um dos atributos que diferencia os seres humanos de outros seres vivos. De índole multifatorial e, por isso, um fenômeno complexo e presente em toda cultura, por “identidade” entenda-se o conjunto de características que constituem o que uma pessoa é, acredita, valoriza, sente e faz. Vinculada à personalidade e à consciência, refere-se à maneira como o indivíduo, a partir da posição e função na sociedade, autodefine-se, estabelece limites e traça metas inter-relacionando-se com o mundo. Essa relação se expressa por meio de mediações simbólicas e condutas. É claro que a identidade humana tem sua gênese, constrói-se e redefine-se. Tudo graças ao que experimentamos e a forma como processamos o experimentado, em contextos e circunstâncias cambiantes e de variados graus de influência. Em poucas palavras, levando em consideração as múltiplas fases que passamos, nossa identidade é o resultado de tudo que vivemos e constitui o que somos (ERIKSON, 1955; BERK, 2004, p. 383-387; MYERS, 2007, p. 171-172; DOWLING, 2011).

À parte das múltiplas teorias que pretendem explicar a origem e o desenvolvimento da identidade humana, entendemos que “a linguagem”, concretamente falando, reflete e comunica a ideia sobre quem somos (e quem não somos). O mesmo ocorre com os elementos que nos ajudaram a definir a ideia do ser. A partir da linguagem podemos inferir muito sobre as ideias que as pessoas têm de si mesmas e do entorno; aquilo que valorizam, decisões e como crescem na sociedade.

O apóstolo Paulo é, sem dúvida, um dos personagens que, por meio das cartas testamentárias, permite conhecer suas crenças, emoções, atitudes e acontecimentos que marcaram sua vida. Seu indiscutível protagonismo, que toma mais da metade dos escritos que formam o N.T., é realmente uma valiosa fonte de informação sobre sua pessoa, vocação e obra.

Com essas prévias compreensões como epistemologia e chaves de releitura (VAAGE, 2000, p. 9-14), consideramos que a linguagem epistolar de Paulo diz para todos nós algo importante sobre o conceito que ele tinha de si mesmo e sobre as mudanças que experimentou na vida¹. Além de alguns importantes textos biográficos que estão ao nosso alcance², com certeza sua conversão a Cristo e seu chamado para servir

¹ Fl 1:21-22; 3:4-11.

² Gl 1,11-2,14; Fl 3,4-11.

aos gentios foram algumas das experiências que mais o influenciaram e, também, que receberam maior atenção no N.T.³. E ainda que existam muitos textos que possamos focar para deduzir algumas características importantes da identidade de Paulo⁴, não há dúvida de que Gálatas 2,19-21 é um dos textos mais reveladores. Não só porque fala sobre a identidade desse emissário de Cristo ressuscitado, mas, também porque, por extensão, fala da identidade de todos os crentes em Cristo para quem o apóstolo foi modelo de fé, mística e compromisso.

Uma leitura atenta do assunto da identidade pessoal, mas dentro dos parâmetros literários, sociais e históricos estabelecidos pela carta aos Gálatas, permite ver algumas características destacadas da forma como o apóstolo Paulo se autocompreendia, com relação a alguns acontecimentos, circunstâncias, ideias, valores e pessoas que foram importantes na conversão, na vocação ao ministério e no trabalho pastoral entre os gentios.

No núcleo do conceito existencial que Paulo partilha com os seus destinatários em Gálatas 2,19-21, encontramos uma referência à “morte e ressurreição de Cristo”, mas, atualizada em termos de “morte e vida” (“Fui crucificado com Cristo, e já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim”, v. 20) e com claras implicações éticas e vocacionais na perspectiva da fé (“Enquanto vivo na carne mortal, vivo de fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”, v. 20b).

Esses dois acontecimentos históricos, percebidos como uma indivisível e definidora realidade na tradição evangélica, não só representam um necessário e compreensível exercício hermenêutico por parte do apóstolo, em perspectiva social, mas, também servem como meios simbólicos que assumem como verdade a continua presença desse Cristo ao qual Paulo está unido pela fé (“Paulo em Cristo e Cristo em Paulo”), de cuja pessoa e obra ele se apropria como princípio, critério e meta visionária do chamado apostólico. Dito de outra maneira, *o evento pascal*, lido posteriormente aos acontecimentos, é decisivo na formulação da identidade de Paulo, como também é decisiva *a ontologia pascal* que lhe permite reforçar a interpretação desses dois eventos centrais do querigma cristão, por meio da confissão epistolar em Gálatas 2,19-

³ At 9,1-13; 22,1-16; 26,1-19; 1Cor 15,8-10; 2Cor 11-12; Gl 1,11-17. A respeito da conversão, da perspectiva sociológica e assuntos relacionados com a redefinida identidade de Paulo ver Martínez, 2002, p. 44-63.

⁴ Por exemplo, At 11,16-33; Fl 1,12-30; 3,4-11.

21⁵. Esta é a premissa que desenha a noção que o apóstolo tem de si mesmo, que, segundo Gálatas e o Novo Testamento (N.T.), é congruente em relação a seus sentimentos, convicções, forma de agir e, também, é representativa da ideologia do Novo Testamento.

1. Fé, vivências e identidade cristã.

Para entender melhor a forma como Paulo define a si mesmo, sugiro abordar Gálatas 2,19-21 como parte da “seção biográfica” da carta (Gl 1,11-2,21), mas, colocando a lupa exegética em três áreas que se qualificam mutuamente: a) alguns momentos cruciais da missão apostólica e identidade, b) a apropriação da morte e ressurreição de Cristo como centro da identidade de Paulo e, finalmente, c) o assunto da congruência ideológico-ontológica presente nas cartas.

1.1 Momentos biográficos conectados ao ser

Toda identidade humana tem uma história que lhe serve de ambiente generativo e influente, tendo plena consciência disto ou não. Ainda que não se possa estabelecer uma clara e exata relação de causa e efeito entre a identidade e o ambiente socializante (pois não estamos tratando com “uma ciência exata”) aceitamos, como verdade, que muitos eventos e experiências ajudam a forjar o que somos como pessoas. Afirmamos também que alguns desses eventos e experiências influenciaram mais decisivamente que outros. Por isso, existem alguns momentos na vida de Paulo que deixaram uma profunda marca no apóstolo. Essas marcas podem ser identificadas, claramente, no relato biográfico que ele partilha em Gálatas 1,11-2,18 e que conformam o ambiente literário imediato no qual a declaração de Paulo dos vv. 19-21 está enquadrada.

Para diminuir a influência negativa de alguns judeu-cristãos que exigiam que os gentios fossem circuncidados, os quais, também, tinham influenciado com seus ensinamentos as igrejas da província de Galícia, tempos depois de terem sido fundadas por Paulo (At 13,14-14,23; 15,1-41), entre os anos 50 e 55 d.C., o apóstolo escreve a carta pastoral aos Gálatas com o objetivo de que circule entre todas as igrejas da região. Nela, e como resposta àqueles que questionavam tanto

⁵ Este é um exemplo do uso positivo do discurso. Porém, Paulo também utiliza discursos negativos para afirmar sua identidade, como quando ataca “os falsos mestres”, destacando qualidades, vícios e condutas imorais, contrárias à boa doutrina (MARTÍNEZ, 1995).

o apostolado como a natureza da mensagem, Paulo, energeticamente, reafirma os seguintes postulados: a) que o evangelho é para todos os povos, b) que sua missão apostólica entre os gentios foi encomendada por Cristo ressuscitado, c) que a igreja é uma e d) que a justificação ante Deus é fruto exclusivo da fé em Cristo. Os fieis, pela graça divina, são absolutamente livres em Cristo de qualquer ideia ou prática que os escravize ou minimize o papel redentor de Jesus. Em Cristo, como Paulo o afirmará na carta, não há diferenças, nem classes sociais que possam ou devam destruir a unidade da igreja que o próprio batismo simboliza (MARTÍNEZ, 2012, p. 20-29; FERREIRA, 2005, p. 95- 98). Consequentemente, as exigências legais da lei mosaica, particularmente a circuncisão, devem ser rejeitadas; são parte de um falso evangelho que anula a fé libertadora em Cristo (Gl 1,6-2,21) (BETZ, 1989, p. 1-12; MARTYN, 1997, p. 13-20; COUSAR, 1982, p. 37-44; JOHNSON, 1986, p. 327-334; VAN VOORST, 2005, p. 369-370, 374-375; LAMBRECHT, 1995, p. 132-133; UKPONG e EJERE, 1990, p. 97-99; TAMEZ, 2007, p. 901-906; DE LA SERNA, 2009, p. 75-85).

Nesse ambiente apologético e aclaratório, em que os argumentos são explicitados depois (Gl 3,1-6,18)⁶, Paulo enumera alguns antecedentes históricos, relacionais e ideológicos que constituem a base de sua ontologia (Gl 2,1-24) (MARTÍNEZ, 2004, p. 47-83).

Depois da radical conversão, da primeira visita a Jerusalém e do ministério na Arábia e na Ásia Menor (1,11-24), Paulo lembra que, na segunda visita à cidade, Tiago, Pedro e João, os líderes da igreja de Jerusalém, aprovaram a missão de Paulo e de seu companheiro Barnabé entre as comunidades não-judaicas. Da mesma maneira, tais pessoas, presumivelmente reconhecidas como “importantes”⁷, deram o selo de

⁶ Os argumentos são: 1) os gálatas receberam o espírito de Deus fora da lei; 2) esse espírito foi dado graças à fé; 3) a lei veio depois das promessas feitas a Abraão e cumpriu como função temporal como tutor até a chegada de Cristo; 4) os gálatas experimentaram a liberdade fora da lei e, junto com outros fieis, são filhos de Deus; 5) Paulo mostrou solidariedade aos gálatas; 6) Agar representa a escravidão sob a lei, enquanto Sara representa o pacto da promessa feita a Abraão; e 7) os gálatas são livres em Cristo para viver em liberdade (VAN VOORST, 2005, p. 370).

⁷ O v. 6 parece sugerir, com forte requinte de ironia ou sarcasmo, que se os apóstolos de Jerusalém tivessem desaprovado a missão entre os gentios, Paulo seguiria pregando o evangelho, pois Deus não se deixa levar pelas aparências, reputação ou posição social de ninguém, inclusive de apóstolos: “Quanto aos ‘respeitáveis’ - até que ponto o fossem não me importa, pois Deus não é parcial com os homens - esses respeitáveis não me impuseram nada”. Afortunadamente, os apóstolos não foram contra a missão de Paulo; mas a validaram (HAY, 1969, p. 36-44). O comentário do v. 16, além do enfrentamento com Pedro, mostra que, quanto à legitimidade da identidade, Paulo foi um homem de valores.

aprovação à missão de Pedro entre os judeus. Em outras palavras, os líderes reconheceram que a graça divina tinha sido concedida a estes dois apóstolos para proclamar as boas notícias de Jesus, sem nenhuma distinção e sem requisitos adicionais. Para ser um pouco mais claro, à luz da discussão de Paulo na epístola, não se falou nada sobre “as obras da lei” como meio de justificação perante Deus ou, mais especificamente, não disse nada sobre a circuncisão. A justificação por meio da lei e a justificação por meio da fé em Cristo são mutuamente excludentes. E ainda que alguns tentaram circuncidar Tito, Paulo se opôs em fidelidade à integridade do evangelho⁸. No grande encontro entre os apóstolos, houve só um pedido: que no desenvolvimento da missão entre os povos, Paulo e Barnabé cuidassem especialmente dos mais necessitados. Com muito esmero e fidelidade, Paulo cumpriu com esse pedido, por convicção própria e em memória do acordo (2,1-10)⁹.

Tristemente, a validação dessa missão com os gentios, que Paulo lembra como parte do próprio processo formativo, nem sempre foi coerente com a conduta de alguns dos apóstolos e partidários que, contraditoriamente, exigiam que os gentios cumprissem com as exigências rituais da lei mosaica, mostravam atitudes discriminatórias e exigiam que eles praticassem algumas observâncias do judaísmo. Desafortunadamente, nem sempre somos coerentes com o que somos e com o que acreditamos. Mas, segundo os vv. 11-14, isto foi exatamente o que aconteceu com Pedro na ambígua conduta diante dos novos fieis da igreja da Antioquia da Síria. Antes da chegada dos partidários de Tiago, Pedro comungara com os gentios; partilhara a mesa com eles. Mas depois da chegada da delegação, por um inexplicável medo¹⁰, afastou-se dos gentios e, não só isto, mas, também, fez com que Barnabé e outros cristãos tivessem a mesma atitude discriminatória¹¹. As más influências

⁸ Não obstante, permitiu a circuncisão de Timóteo, não só porque sua mãe era judia e seu pai gentio (At 16,3), mas, porque essa ação era, quiçá, uma forma de contextualizar o evangelho, isto é, de “se fazer judeu com os judeus” como um ato livre e sem pressões legalistas (COUSAR, 1982, p. 40). Se não fosse esta uma explicação satisfatória, ambas as situações revelariam a incongruência de Paulo, o que é normal ou humano. Não importa o quão estejamos conscientes e firmes de nossas convicções, não existe tal perfeição.

⁹ A oferta arrecadada para os pobres de Jerusalém é quiçá a melhor evidência disto (Rm 15,25-27; 1 Cor 16,1-3; 2 Cor 8,1-9,15).

¹⁰ Quiçá aconteceu para preservar a unidade na igreja, pela pressão da delegação de Tiago, sempre fiel à lei, ao cumprimento das regras da lei, em relação aos alimentos e a outras práticas rituais ou, talvez, à combinação de todos esses fatores. Este fato poderia ser visto como um ato impulsivo de Pedro.

¹¹ Ainda que não tenhamos acesso à versão de Pedro dos fatos, a caracterização que Paulo faz de seu companheiro de missão, é consistente com os preconceitos étnicos de Pedro, segundo o livro dos Atos (At 10,1-11,18).

e as decisões impulsivas são contagiosas e, também, perigosas. Mas, essa conduta, claramente, era deplorável. Era uma negação do princípio moral de que Deus não faz distinção entre as pessoas, não se deixa levar pelas “aparências” (2,6; cf. Tg 2,1-13). Por isso, Paulo ao perceber a contradição moral e esforçando-se por ser fiel ao evangelho no qual aparentemente todos acreditavam, criticou a falta de integridade de Pedro ao afirmar que não devia exigir que os gentios se submetessem às regras do judaísmo, quando o próprio Pedro, violando tais regras, tinha vivido como se fosse gentil (2,14). Quando a integridade é um valor central na identidade pessoal, não deve ser estranho que Paulo fosse coerente consigo mesmo e que chamasse atenção daqueles que agiam de forma contrária à sua ontologia. A incoerência ocorre e é compreensível, mas, nem sempre é justificável.

Por que, então, os gentios não devem ser tratados de uma forma e os judeus de outra? Simplesmente porque Deus não se deixa levar pelas “aparências” ou “status” de ninguém, não faz distinção entre povos e, definitivamente, ninguém pode ser justificado perante Deus por fazer somente o que a lei mosaica exige. Não é pelas obras, sobretudo as que são puramente rituais e cerimoniais. Deus declara inocente ou livre de condenação quem decidiu colocar sua fé em Cristo; a salvação eterna é para quem acredita, como o afirmam os vv. 15-18. Exigir a circuncisão é uma violação dessa doutrina (cf. 2,3-5.11). Ninguém pode receber uma sentença justa de Deus com base na obediência às simples regras (cf. Sl 143,2). A justificação é pela fé. Neste ponto, Pedro e Paulo, assim como outros apóstolos, estavam de comum acordo. Por que, então, a falta de coerência e a mudança de posição?

Semelhante à ideia da justificação verdadeira é o princípio de que tanto os judeus quanto os não-judeus são “pecadores” (2,15.17) e que as obras da lei são inadequadas para mudar a condição humana diante Deus; ou seja, a lei é ineficaz. Em consequência disto, a distinção tradicional entre “pecadores pagãos” e “judeus de nascimento” (como se os judeus não fossem “pecadores”), é arbitrária, obsoleta e inválida (2,15). Todos precisam do poder superior para mudar sua condição. Nesse sentido, os judeus e os gentios estão no mesmo nível (são pecadores) e não devem existir dois meios de justificação: um para os judeus e outro para os gentios. Isto seria algo inconsistente e injusto. Daí que a integridade do evangelho e sua correta aplicação devem ser preservados sempre (2,5.14). Não tem sentido obrigar os gentios a cumprir uma lei que os próprios judeu-cristãos não conseguem cumpri-la, não

acreditam ou não pretendem segui-la. Certamente não se deve reviver a ideia morta, pois como destaca Paulo, “se começo a reconstruir o que havia derrubado, mostro que sou transgressor” (2,18). Em outras palavras, acreditar que a justificação se alcança por meio das obras da lei mosaica, em lugar da fé em Cristo, é reconstruir a ideia que já tinha sido destruída. E se isto é o que alguns querem fazer, então devem ser vistos como violadores da lei. Mas, ao contrário. Acreditam que só a fé em Cristo justifica, não é permitido acusar os cristãos de transgressores, pois esta é a doutrina que Paulo e os outros apóstolos aceitaram¹².

2. A notoriedade do relato pascal

Uma vez morta a ideia da justificação por meio das obras da lei mosaica, como os judaizantes acreditavam, não tem sentido tentar revivê-la (2,18). Além disto, segundo a lei, o cristão e seus preceitos ritualísticos estão mortos. Por isso, não podem ser acusados de ter transgredido a lei. Para ser culpado, deve haver uma regra para transgredir e um transgressor vivo que a transgrida (cf. Rm 4,15b; 5,13). Mas, como disse Paulo, não é este o caso¹³. O fiel está morto para o legalismo mosaico que a lei e seus guardiões propõem porque, como declara o v. 20, Paulo foi crucificado juntamente com Cristo. De forma ilustrativa, então, não é possível reparar ou construir de novo um prédio que foi demolido em sua totalidade. Por isso, a título pessoal, para distanciar-se dos judaizantes e sem perder de vista a relevância das crenças para com a igreja¹⁴, o apóstolo, com um alto senso de integridade, torna público o que sempre deve ser uma crença central na ideologia que identifica a igreja¹⁵: “De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus” (2,19). Mais do que um *slogan* religioso ou simples confissão litúrgica, esta é a realidade que deve ser vivida na fé.

Todavia, há pessoas que teimam em reviver a doutrina morta e, em vez de desfrutar da nova vida que Deus dá, preferem morrer e voltar ao

¹² Este, talvez, seja o sentido dessa parte da carta, apesar de parecer um pouco confuso.

¹³ Parece ser a relação lógica do argumento de Paulo, particularmente entre o v. 18 e o v. 19 (BRUCE, 1982, p. 142-143; MARTYN, 1997, p. 255-256).

¹⁴ O pronome “eu” tem um sentido plural e inclusivo (Rm 7,7-21; 1 Cor 6,12-15; 13,1-3.11-12) (COUSAR, 1992, p. 51).

¹⁵ O uso da primeira pessoa do singular nesse texto, além de sublinhar as convicções de Paulo e mostrar algo dele, também tem uma conotação representativa, paradigmática e corporativa; isto é, apresenta Paulo como modelo de uma verdade aplicável aos cristãos em geral (BETZ, 1989, p. 122-124).

legalismo mosaico. Paulo não aceita isso. De forma clara e inequívoca, aceita a realidade de que já não tem nada a ver com o legalismo que os judaizantes pregaram entre os gálatas. A mesma postura espera-se de seus manipulados leitores. Ademais, Paulo acrescenta a morte não a terminalidade de sua identidade; ele dá um digno, necessário e útil *para quê*. Morremos, é certo. A vida nós é dada com a finalidade de servir a Deus para dar vida aos outros. Aconteceu que, há uma mudança de senhorio, de devoção e de propósito. Deixou o legalismo ineficaz para entregar à igreja ao Mestre, que garante e sanciona, não só a lei, mas a própria aliança com o povo de Deus.

Com este entendimento do Deus que transcende a morte e espera que vivamos para servi-lo, Paulo dá um passo mais concreto (2,20-21)¹⁶. Interpreta o v. 19 através do prisma da morte e ressurreição de Cristo, e está convencido de que está morto para a lei porque foi crucificado com Cristo, pela fé (BETZ, 1989, p. 122),

Paulo confessa o que é a essência do evangelho e, como consequência disso, o que é o coração das convicções pessoais: “Fui crucificado junto com Cristo, e já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (v. 20a). Para o apóstolo, a brutal morte de Jesus na cruz não é um evento distante, isolado e enterrado nos evangelhos. Ele tem implicações práticas. Entendida como uma morte vicária, tanto por Jesus como pelos seus seguidores, a crucificação do Cristo é, desde a lógica da fé e, por extensão, também a crucificação daqueles que n’Ele acreditam (cf. 3,26-28; 5,24; 6,14; Rm 6,1-10). Não é um anacronismo ou uma leitura forçada. É a identificação mútua. E o impacto dessa realidade na formação da identidade pessoal e social da igreja é tão real quanto imensurável.

Continuando com o argumento de Paulo, a relação entre Cristo e os fieis não termina com um encontro com a cruz e nem se reduz a isto. Na racionalidade do evangelho, depois da morte vem a ressurreição; isto é, a vida após a morte. Jesus ressuscitou dentre os mortos para que também a comunidade dos fiéis ressuscite juntamente com ele. Por isso, o fiel não está literalmente morto; ele vive e essa vida, afortunadamente, é com Cristo: você não está sozinho ou sozinha. O ego não é mais o centro do fiel; Cristo é a vida que ele mesmo encarna, promete e oferece. É a identidade de Cristo tomando o lugar da nossa identidade e redefinindo-a, porque simplesmente a pessoa decidiu identificar-se com a obra de Jesus e torná-la como sua: “...e já não sou eu quem vivo,

¹⁶ Do ponto de vista semântico, o v. 20 parece estar em oposição ao v. 19 e, portanto, explicita-o.

mas é Cristo que vive em mim” (2,20b). Na vida e na morte, a identificação é mútua. E não significa que Paulo já não viva, literalmente, mas, significa que seus desejos, crenças e decisões originaram o senhorio do Messias, para que seu protagonismo se realizasse e para que o eu de Paulo diminuísse.

Na confissão autobiográfica e cristológica de Paulo (2,19-21) também temos uma nota vocacional em perspectiva escatológica. A existência e o ser do presente e tendo em conta a mortalidade humana, orientam-se para o futuro; assumindo as rédeas do seu projeto de vida. A ontologia pascal define - e determina por decisão livre e pessoal de Paulo - o restante de seus dias de vida¹⁷. É uma vida consciente motivada e em razão de ser. O v. 20c assim expressa: “Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus,...” A consciência do lugar que ocupa e da função que Cristo tem em sua vida são categóricos. A cruz, paradoxalmente, é motivo de glória (COMBLÍN, 1995, p. 65-73). Quando há fé, amor e esperança, a vida é Cristo e a morte é lucro (Fl 1,21).

Esse ato livre de acreditar em Cristo, o que define a missão de Paulo, é, em última análise, um ato de lealdade em resposta ao ato generoso de amor. Jesus sacrificou a própria vida pelo amor a todos, fato que Paulo admite com alegria e gratidão: “... me amou e se entregou a si mesmo por mim” (2,20d). Por iniciativa própria e sem que os beneficiários tivessem que fazer algo para merecer ou motivar a entrega, Cristo entregou a vida morrendo na cruz. Este é o amor divino em sua máxima expressão. Este sinal de altruísmo é a principal razão que Paulo tem para viver em Cristo. É o mínimo que se espera de um fiel beneficiado e agradecido. É o melhor rosto da reciprocidade no contexto da comunidade.

Mas o amor e a entrega de Cristo que Paulo reconhece no v. 20d, não é mais do que uma manifestação da completa graça divina. Trata-se do presente que deve ser aceito de braços abertos, para não ser ignorado ou rejeitado. Agir de forma contrária seria jogar a obra de Cristo no lixo, como acredita o apóstolo que os judaizantes estão fazendo, com seu falso evangelho. Mas, se é correto que eles rejeitam a graça divina no seu apego cego à observância da lei mosaica, Paulo adota uma atitude mais razoável em resposta à iniciativa divina: “Não invalido a graça de Deus” (2,21a). Não invalidar a graça imerecida de Deus em Cristo é acreditar que só a fé em Jesus e em sua obra permitem a reconciliação

¹⁷ A expressão “na carne” parece dar a ideia de “corpo mortal” (2 Cor 4,11; 10,3; cf. Rm 6,12; 8,11) (BRUCE, 1982, p. 145).

com Deus. Outra vez, conclui Paulo, a justiça não se obtém por meio da observância dos preceitos da Torá (2,21b); e a morte de Cristo era necessária (2,21c). Se não for assim, seu sacrifício teria sido inútil. Para ser seguidor do Cristo que morreu e ressuscitou, é preciso atualizar o evento pascal e permitir que esse magno acontecimento determine a natureza da ontologia cristã.

3. Integridade ideológico-existencial

Sabemos que, para ser sadia, toda identidade precisa de estabilidade, continuidade e coerência. Na correspondência paulina notamos a presença desses três atributos na vida do apóstolo. Morre para a lei para servir a Deus, traduzido como estar crucificado com Cristo, acreditar que Cristo vive no cristão e consagrar a vida para Cristo como resposta de vida (Gl 2,19-21), são princípios representativos do pensamento de Paulo e sua pessoa. A partir daí, podemos reiterar que a ontologia pascal de Paulo é consciente, profunda, honesta, apaixonada, paradigmática e, especialmente, coerente. Em sua pessoa a mística e a integridade confluem-se.

Na carta aos gálatas, por exemplo, há imagens de morte e de vida diretamente vinculadas com a páscoa cristocêntrica que definem o pensar, o sentir e o agir de Paulo e daqueles que, como ele, acreditam na justificação pela fé. Aqueles que pela fé pertencem a Jesus Cristo, segundo o apóstolo, crucificaram os desejos pecaminosos (Gl 5:24); o estilo de vida pré-conversão é algo do passado. Nesse sentido, não só o crente morreu, também morreu a sociedade. De fato, o mundo e os fiéis estão mortos um para o outro. É Paulo quem decidiu viver para Cristo (Gl 2,19-21), é Paulo para quem “a cruz de Cristo” é motivo de glória pessoal (Gl 6,14) e que pode até glorificar-se de levar as marcas do Salvador no corpo (Gl 6,17). A identificação com o sofrimento de Cristo é uma constante¹⁸. Nessa redefinição de valores, a morte, à luz do evento Cristo, não é uma tragédia, mas um grande privilégio. Esta é uma das maiores contradições do cristianismo.

Nos seus conselhos pastorais aos coríntios, ciente de que “a verdade de Cristo” habita nele (2Cor 11,10), Paulo segue mostrando que a ontologia não é um acidente ou algo anedótico. Reconhece que Cristo é “o cordeiro pascal” já sacrificado (1Cor 5,7) e, pensando no bem-estar espiritual dos destinatários afirma que, como em Adão, to-

¹⁸ Rm 8,17; 2 Cor 1,5; 4,10s; 11,16-33; Fl 3,10; Cl 1,24.

dos morrem, também em Cristo todos voltarão a viver (1Cor 15,22). A Eucaristia revive, sacramentalmente, a morte de Cristo até o triunfal retorno (1Cor 11,23). Onde nós estivermos, levamos a morte e a vida do Ungido; guardamos este tesouro em vasos de argila (2Cor 4,10-11).

Diante dos romanos, Paulo lembra que, como prova de amor, Cristo morreu por todos (Rm 5,6.8). A salvação é um ato de graça. Deus nos deu a vida em Cristo, ainda quando estávamos mortos no pecado (Ef 2,5; Cl 2,13). Estar crucificado com Cristo significa que a antiga natureza já não tem o poder de escravizar os fieis e, graças à ressurreição de Cristo, os fieis podem viver a páscoa em plenitude (Rm 6,6.8.13). De fato, em Cristo são livres da lei mosaica para servir a Deus (Rm 7,4.6) pois o corpo está morto por causa do pecado (Rm 8,10). Esperançoso, Paulo lembra que o Espírito que levantou Jesus dentre os mortos e vive nos fieis, é o mesmo Espírito que dará vida aos corpos mortais por meio do Espírito (Rm 8,11). Em todas as circunstâncias, a mensagem é a mesma: “Se vivemos é para o Senhor que vivemos; e se morremos é para o Senhor que morremos” (Rm 14,8). O ideal é viver junto ao Senhor (1Ts 5,10). E mais, em união com Cristo Jesus, Deus nos ressuscitou, graças à nossa fé e, partilhando com ele glória e poder, estamos sentados com ele nos céus (Ef 1,3). Este estado de privilégio é visto como um fato consumado.

O simbolismo associado com o batismo, especialmente, permite que Paulo reinterprete a morte e a ressurreição de Jesus em termos éticos. O ritual lembra aos fieis que, pela fé, todos passaram da morte para a vida e, em consequência dela, vivem ressuscitados (Rm 6,4-6). Os fieis devem viver o Espírito que mora na comunidade de fé (Rm 8,9), tendo sempre Cristo como exemplo (Rm 15,5). Como Paulo, os cristãos devem exaltar Cristo nos corpos (Fl 1,20) e seguir adiante, fortalecidos pelo poder (Cl 1,29), para o prêmio da vocação do alto (Fl 3,14). Viver para ele é motivo de glória (Rm 15,17; 2Cor 8,23). Andamos pela fé, não pela visão... (2Cor 5,7.15). Vivemos a vida para fazer a vontade de Deus (1Pd 4,2).

Quando Paulo afirma que Cristo vive nele (Gl 2,20), também afirma que Cristo, como sagrado mistério (Cl 1,27), quer e pode morar também no coração de quem nele acredita (Ef 3,17). O justo vive pela fé (Rm 1,17; cf. Hab 2,4). E a nova vida, além de ser a promessa realizada (2Tm 1,1), afortunadamente, está escondida “com Cristo em Deus” (Cl 3,3.4); está assegurada.

Em sentido amplo, comunicar que Cristo habita no apóstolo é falar também da relação especial que se estende a toda a igreja e na qual podemos diferenciar várias etapas. Após o arrependimento que deixa atrás a morte, a lei, a vida alienada de Deus, a escravidão e a imoralidade, o fiel deposita sua *fé em* Cristo, o que lhe permite voltar para a vida *em* Cristo e morar *com* Ele (Cl 2,6); isto significa que estará, mística e entranhavelmente, *unido a* Cristo. É uma “nova criação” (2Cor 5,17) e, por isso, está revestido de Cristo (Gl 3,27); é como se levasse Cristo como uma roupa ou manto que o identifica. Cristo, por sua vez, passa também a habitar nessa pessoa (2Cor 13,5). A condição e a posição do convertido sofreu uma metamorfose. Ela foi adotada como “filho” ou “filha de Deus” e agora pertence a Cristo (2Cor 10,7); é parte de uma comunidade (Rm 12,5) onde os níveis ou posição social são irrelevantes ou desaparecem (Gl 3,28; Cl 3,11).

A nova posição conferida, logicamente, implica em novas funções a serem realizadas. Espera-se que o fiel cultive a comunhão *com* este Cristo (cf. Ap 3,20). Mas, não só isso. Ele também tem a obrigação de viver a vida *para e por* Cristo. Enriquecidos com muitos dons e talentos (1Cor 1,5), como os coríntios, todos os cristãos foram criados para as boas obras (Ef 2,10). A relação mística entre Cristo e os fieis produz, de certa forma, a relação existente entre o Pai e o Filho; eles são um (Jo 17,21). Tal relação íntima só é possível pelo amor de Cristo expressado na entrega desinteressada.

Por isso, a morte de Cristo, que poderia ser entendida como o cruel ajustiçamento da pessoa inocente nas mãos do imperialismo e da elite religiosa, a serviço do império, é para Paulo um ato de amor generoso que, além do reconhecimento e agradecimento, exige uma incondicional devoção motivada pelo amor, como atesta Gl 2,21. Tendo em conta que o amor de Deus e de Cristo são inseparáveis¹⁹, Paulo diz que Cristo foi, certamente, entregue por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (Rm 4,25; cf. Is 53,1-12); Deus não poupou seu próprio filho, mas, o entregou por nós (Rm 8,32). Por seu grande amor (Ef 2,4-5; 5,2.25), o Filho de Deus entregou-se por nossos pecados para nos libertar do presente mundo mau (Gl 1,4). Por isso, nada nem ninguém pode nos separar do amor de Deus em Cristo (Rm 8,39); somos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou (Rm 8,37). A morte na cruz teve como objetivo nos

¹⁹ Por exemplo: Rm 8,35.37.39; 1Cor 15,57; 2Cor 5,14; 13,14; Ef 2,4; 5,2.25; 1Tm 1,4; 2Tm 2,13.16.

redimir de toda iniquidade e nos purificar para sermos um povo que lhe pertence (1Tm 2,6; Tt 2,14; cf. Ap 1,5).

No entanto, não podemos estabelecer uma clara e direta dependência da tradição evangélica. O conceito que Paulo tem do amor de Cristo guarda estreitos vínculos com os evangelhos. O sacrifício de Jesus na cruz é a máxima do ministério caracterizado pelo ágape. Lembra-nos a tradição joanina: que Deus amou o mundo ao enviar seu filho unigênito para dar vida eterna a quem nele acreditasse (Jo 3,16; 6,57; 13,1; 1 Jo 4,9-10.14). Portanto, se Cristo está vivo, os seus seguidores também estão (Jo 14,19-20). O bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas (Jo 10,11; cf. 15,3) e disso Paulo é testemunha. Jesus veio simplesmente para resgatar todos (Mt 20,28).

4. Identidade, Cristo e Reapropriações

Utilizando uma metodologia compatível com o significado e as implicações da curta mensagem de Paulo em Gálatas 2,19-21, à luz do contexto original, nos aproximamos do texto para evidenciar a reserva histórica de sentido, em diálogo com a semântica de nossa historicidade, como leitores. Assim, é-nos possível conhecer um pouco mais de perto a identidade religiosa, inferida a partir de alguns momentos correspondentes à experiência religiosa, convicções, decisões, metas e compromisso, levando em consideração que, para comunicar as ideias, Paulo não utilizou a linguagem ou os conceitos que hoje são utilizados para definir a natureza do ser.

A relação de Paulo com o Cristo vivo que a fé o mantém e a opinião que dele foi formada marcaram profundamente a articulação da filosofia prática mas teoricamente centrada na morte e ressurreição de Jesus: Cristo enviado por Deus. Mais do que “o adulto significativo” ou “agente de mudança social”,²⁰ que foi mediador da conversão, o chamado e o ministério desse pastor itinerante, que continuou exercendo uma poderosa influência em sua personalidade para seguir transformando a existência de Paulo, Cristo foi para este pregador do evangelho, mais do que a razão de sua vida, foi a própria vida. A confluência de outras variáveis contribuiu para essa posição: 1) a resposta positiva ao encontro com o sagrado para reorientar o curso da vida (a conversão e o chamado); 2)

²⁰ Duas apropriações e traduções dinâmicas do inglês “significant other” que, na sociologia, são utilizadas para designar as pessoas que têm um papel fundamental no processo de mudança, ou de uma poderosa influência na vida de outras pessoas.

a existência da comunidade de significado e propósito (a igreja); 3) a disponibilidade do esquema cognitivo e de conduta (o evangelho); 4) o lugar e o papel protagônicos de agentes socializantes (os apóstolos e outros líderes do movimento cristão); 5) a ação visível e reiterada da nova realidade definidora do ser (Cristo em mim); 6) a negação da ordem relacional caduca e ineficiente (o eu, a lei, o legalismo); 7) a liberdade, a capacidade e a receptividade para reler e atualizar a história (a morte e a ressurreição como acontecimentos); 8) e a disposição para confiar e agir segundo uma nova percepção da vida (a fé).

A identidade humana não é possível sem a existência de pressupostos que sirvam de base às verdades que acreditamos sobre nós mesmos, que definem o que somos e para onde vamos, a posição que Paulo adota para si mesmo é normal, necessária, compreensível e defensável, ainda que possam ser questionáveis. Entretanto, alguns ensinamentos surgem para o nosso bem-estar: a consciência do ser, a história lembrada, as profundas convicções, o bem-estar dos demais, o cumprimento dos acordos, a validação da vocação, o compromisso abnegado, a inclusão e a igualdade dos povos, a centralidade da fé, a rejeição do legalismo, a coerência entre as crenças e as ações, além de outras mais.

Também lembremos que o Paulo de Gálatas não fala só de si mesmo; ele representa uma comunidade e a história dela mesma com as quais está em dívida e com as quais se comprometera. Ainda que seja certo que as leituras da morte e da ressurreição de Jesus ou do lugar e da função de Cristo na teologia sempre tiveram interpretações variadas e até contrárias, também é certo que sua pessoa e a relação com ele que têm sido abordadas tiveram muitas perspectivas e variadas implicações, inclusive desde perspectivas muito críticas. Seguindo esta perspectiva, é lógico perguntarmos: quais devem ser o lugar e a função do evento pascal na vida daquele que quer ser fiel ao evangelho, mas, de maneira contextualizada, íntegra e consoante à identidade pessoal, muitos anos depois, à luz de novas filosofias de vida, de possibilidades e desafios? Quais são os significados e as implicações dessa escolha?

Unindo as perguntas, sem negar-lhe validade e necessidade, a prioridade não deveria ser tanto reler Paulo sob a ótica de Cristo (fato do que este artigo é modestamente “culpado”) (GAMELEIRA, 1995, p. 35-64), mas, a prioridade deveria ser reler Jesus, os fatos atribuídos a sua pessoa e articular a incidência disto em nossa identidade, pessoal e comunitária. Abertos à possibilidade da nova cristologia, quem, afinal de contas, deveria ser Cristo na vida da comunidade que o confessa,

e qual deveria ser o papel mediado pela fé, entrega e opções? Se as lideranças e outros fieis do movimento cristão foram obrigados e foram capazes de interpretar a morte e a ressurreição de Cristo com diversas características, por que esperar menos da posterior e crescente comunidade que foi beneficiada deste legado?

É claro, porém, que não devemos permitir que a apropriação acrítica e a-histórica da pessoa de Jesus (seja nas versões do “Jesus da história”, “Cristo da fé” ou “Cristo vivo”) termine suprimindo, radicalmente ou negando totalmente, um conceito saudável e integral do “eu” ou o “nós”. A individualidade, no contexto relacional, é parte desse precioso presente da providência que, tentando ser fiel à páscoa histórica, deve também ser ciente dos eventos, circunstâncias, ideias, valores e pessoas que forjaram o nosso caráter e às quais devemos o que somos. Devemos viver a nossa vida e não a vida dos outros em nós. Também não devemos impor o nosso estilo de vida aos semelhantes. Pensando um pouco a respeito da morte e da vida como forças e mistérios humanos, não seria estranho que víssemos na interpretação paulina, de nossa psicologia, um esforço em encarar o medo à vulnerabilidade, à temporalidade e à dor da perda, devolvendo ao ser a fortaleza, segurança, esperança e saúde que permitam a preservação da espécie humana; isto é, uma hermenêutica da dor e do luto.

Juntando a ilógica-lógica da fé que reinterpreta a Cristologia e a Páscoa, atrevemos, como tantos outros antes de nós, a reencontrar-nos com a essência do evangelho a partir de nossa realidade. Só dessa forma, fieis ao processo da história pascal e seus múltiplos intérpretes, poderemos dizer da nossa própria ontologia, mas, em diálogo com a ontologia de Paulo que “Cristo vive em mim”.

Referências

- BERK, Laura E. **Development through Lifespan**. 3rd ed., Allyn and Bacon, Boston, 2004.
- BETZ, Hans Dieter. **Galatians**. Fortress Press, Philadelphia, 1989.
- BRUCE, F. F. **Commentary on Galatians**. Eerdmans, Grand Rapids, 1982.
- COMBLÍN, José. “Pablo y la cruz de Jesús”. **Ribla 20**, no. 1 (1995): 65-73.
- COUSAR, Charles B. **Galatians**. John Knox Press, Louisville, 1982.
- DE LA SERNA, Eduardo. “Gálatas – la novedad de estar ‘en Cristo’”. **Ribla 62**, no.1 (2009): 75-85.

- DOWLING, Susan J. **Constructing Identity Identity Construction**, Georgia State University. M.A.E. thesis, Atlanta, Georgia State University, 2011.
- ERIKSON, H. *Identity and the Life Cycle: Selected Papers*, 1955.
- FERREIRA, Joel A. "El proyecto revolucionario de Gálatas 3,26-28". **Ribla** 50, no. 1 (2005): 95- 98.
- GAMELEIRA SOARES, Sebastião A. "Relectura de Pablo. Desafío para la Iglesia". **Ribla** 20, no. 1 (1995): 35-64.
- HAY, David. "Paul's Indifference to Authority." **Journal of Biblical Literature** 88 (1969): 36-44.
- JOHNSON, Luke Timothy. "The Letter of the Galatians." *The Writings of the New Testament*, **Fortress Press**, Minneapolis, 1986.
- LAMBRECHT, Jan. "La voluntad universal de Dios: el verdadero evangelio de las cata a las Gálatas". **Revista Bíblica** 57, no. 59 (1995): 132-133.
- MARTÍNEZ, Aquiles Ernesto. *Después de Damasco: el Apóstol Pablo Desde una Perspectiva Latina*. **Abingdon Press**, Nashville, TN, 2004.
- _____. "Fe cristiana, bautismo e identidad social: diálogo con Gálatas 3,26-29". **Signos de Vida**, 61 (2012): 20-29.
- _____. "Filipenses 3:4-11 y la conversión de Pablo como proceso de resocialización". **Apuntes** 22, no. 2 (2002): 44-63.
- _____. "Pious Demonization: A Characterization of "the False Teachers" in Titus 1,10-16". Trabajo presentado en la reunión anual de la AAR/SBL Rock Mountain Great-Plains Region, Denver, CO, 1995.
- MARTYN, Louis. "Galatians". **The Anchor Bible**, Doubleday, N.Y., 1997.
- MYERS, David G. **Psychology**. 8th ed., Worth Publishers, Holland, MI, 2007.
- TAMEZ, Elsa. "Carta a los Gálatas". *Comentario Bíblico Latinoamericano*. **Verbo Divino, Estella**, 2007, vol 3.
- UKPONG, J. S. y EJERE, Asahu. "La carta a los gálatas y el problema del pluralismo cultural en el cristianismo". **Selecciones de Teología** 29 (1990): 97-99.
- VAAGE, Leif F. "Introducción metodológica a los escritos de Pablo". **Ribla** 62, no.1 (2009): 9-14.
- VAN VOORST, Robert E. **Reading the New Testament Today**. Thomson/Wadsworth, Belmont, CA, 2005.

Traducido por Carlos Mario Vásquez Gutiérrez